

APRESENTAÇÃO

Esta edição da revista *Matraga - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)* é dedicada aos Estudos Linguísticos, tendo como tema “interações mediadas por tecnologia”.

O número 47 da *Revista Matraga*, embora temático, se apresenta muito diversificado. Começa com a parceria para a edição, este número conta com a participação de Paul Gruba, americano que trabalha na Universidade de Melbourne na Austrália. Para a entrevista, contamos com Mark Pegrum, que também trabalha para uma universidade australiana (University of Western Australia), mas atua não só em Perth, mas também Hong Kong e Cingapura.

O volume conta também com oito artigos, sendo um de uma universidade portuguesa (Universidade de Coimbra), seis brasileiras e dois institutos federais, incluindo Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UNESB), Universidade Federal de São Paulo (UFESP), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Entretanto, a diversidade não se limita à questão geográfica, o tema “interações mediadas por tecnologia” é abordado de diferentes perspectivas, relacionadas a diferentes áreas, como a literatura, o jornalismo, a educação, dentre outras, apresentando reflexões sobre a influência da tecnologia em novas formas de associação, colaboração, constituição de coletivos e performances de resistência. Sendo assim, buscamos agrupar esses oito artigos em dois blocos, o primeiro mais ligado à área de análise de discurso e o segundo mais ligado à área de ensino e aprendizagem de línguas, incluindo formação docente. É importante mencionar que essa divisão nem sempre é tão simples assim, pois há textos como o de Janayna Casotti e Daisa Teixeira em que as duas áreas se encontram. Trata-se de uma discussão sobre a prática de interação em um ambiente virtual de

aprendizagem (AVA), utilizando-se, as autoras, para a análise da teoria da Semiolinguística do Discurso de Charadeau.

A resenha deste volume, de autoria de José Teófilo de Carvalho, também se detém sobre o uso de tecnologias digitais, mais precisamente sobre ensino e aprendizagem, tanto em relação à leitura como a produção e edição de textos, com reflexões sobre a obra **Escrever, hoje – palavra, imagem e tecnologias digitais na educação** de Ana Elisa Ribeiro, publicada em 2018, pela Parábola Editorial.

Cecília Magalhães abre este número com um artigo que une humanidades digitais a materialidades da literatura. Baseando-se nos ensaios de Vilém Flusser, sua proposta é discutir como os sistemas de reprodução linguística, em suas diferentes proposições (neste caso, imagens técnicas e escrita), parecem apresentar um denominador comum, organizado em torno dos seus processos de materialização. A autora procura demonstrar como “os avanços técnicos possibilitados pelo uso dos dispositivos tecnológicos e a pretensa liberdade criativa proposta pela superfície da tela digital permitem, por meio da evolução de efeitos como a anamorfose cronotópica, um espaço de livre experimentação e de recodificação linguístico.” Para discutir a ideia desse complexo mosaico em confecção, consoante à ação criativa dos seus respectivos *bricoleurs*, ao fazer um paralelo entre as unidades estruturais dos códigos linguísticos com as unidades referentes aos códigos filmicos, apresenta como exemplo a análise do vídeo educativo *American Thrift* que serviu como matéria-prima do videoclipe *Cirrus*, criando uma nova narrativa a partir do rearranjo do mesmo material filmico.

No segundo artigo, Danillo da Conceição Pereira da Silva busca refletir acerca de práticas linguísticas digitalmente mediadas, engajadas na produção de violência linguística contra pessoas transexuais, travestis e transgêneras. Para tanto problematiza a compreensão pragmática clássica acerca da cooperação como regra das interações linguísticas, destacando o particular caráter violento que algumas delas podem assumir, enquanto efeito pragmático produzido pela natureza indexical dos atos de fala. O autor foca nas práticas linguísticas realizadas no ciberespaço, pelo potencial semiótico de violência. Como forma de exemplificação, é apresentada uma análise de dois comentários *online* postados por leitores na página de notícias *G1*, em matérias relativas a 19º Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Brasil, ocorrida em 2015.

No terceiro artigo, Flavia Campos da Silva defende a importância de se levar o discurso científico para além dos muros das universidades. Para discutir os conceitos de democratização e espetacularização do conhecimento, utiliza-se de diferentes revistas eletrônicas científicas. Ao final, chega à conclusão que a visibilidade concedida à Ciência nos espaços midiáticos não especializados ainda é necessária, apesar de (re)significar o sentido da mesma para o grande público – reduzindo-o, por vezes, ao seu aspecto pragmático. Outra conclusão é que a presença das universidades nos meios eletrônicos de divulgação, apesar de incipiente, constitui-se em uma forma de resistência que tem tentado dirigir-se aos seus ímpares, de modo a manter a essência do fazer científico.

Baseada em Bakhtin, no quarto artigo, Eliane Pereira Santos, busca demonstrar que o estilo no gênero comentário *online* se constitui a partir das relações dialógicas e do posicionamento axiológico do sujeito falante (comentador), que faz as escolhas dos recursos linguístico-estilísticos (gráficos, lexicais e gramaticais), orientado pelo contexto extraverbal e pelo gênero discursivo. Para tanto, adota como *corpus*: comentários sobre notícias *online*, que tratam do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, a partir de uma notícia retirada do portal Terra.

Os quinto e sexto artigos são baseados na mesma teoria da Semiolinguística de Patrick Charaudeau. No quinto texto, Paula Souza Pereira e Marcus Antonio Assis Lima abordam as estratégias discursivas contidas em um editorial que evoca a carência habitacional brasileira, publicado no webjornal *Folha de S. Paulo*, em 2018. Este artigo busca investigar as formas como o enunciador se posiciona perante os interlocutores, explorando a tríade fundamentada na relação entre sujeito argumentante, proposta sobre o mundo e sujeito-alvo. Destacam que a construção da fala do locutor, a partir do modo de organização argumentativo, implica a composição de sua imagem no discurso (AMOSSY, 2005).

No artigo seguinte, como já mencionado anteriormente, Janayna Bertolllo Cozer Casotti e Daísa Teixeira buscam verificar como participantes de um curso de formação inicial docente refletem sobre sua própria experiência de aprendizagem, nas práticas de interação em ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Consideram, sobretudo, a concepção de ato de linguagem como uma “interação de intencionalidades”. A partir da análise de dados gerados em um fórum de discussões sobre o processo de alfabetização, buscou-se verificar quais comportamentos enunciativos esses participantes apresentam na *mise en scène* do ato comunicativo de que

eles participam em contexto digital. Os resultados desse estudo permitem reconhecer a posição que o sujeito ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele mesmo diz e em relação ao que o outro diz.

No sétimo artigo, Sandro Luis Silva e Juliana Marian Diniz Lima procuram refletir, sobretudo a partir dos estudos de Maingueneau (2011, 2015), Chartier (2009), Pinheiro (2013), Silva (2012), sobre as possibilidades de uso consciente e planejado de ferramentas tecnológicas nas aulas de Língua Portuguesa na Educação básica. Defendem que o uso adequado dessas ferramentas faz com que a escola seja um lugar de transformações significativas para todos aqueles que nela estão envolvidos, promovendo a constituição de um sujeito discursivo ativo e coerente com a sociedade escolar e para além dela.

Finalmente, no último artigo, adotando uma perspectiva socio-cultural, Suzan Severo de Severo e Marília dos Santos Lima procuram compreender como se dá a mediação da aprendizagem através da ferramenta WhatsApp, pela análise da produção dos aprendizes de inglês como LE durante a interação na língua em grupos formados nesse aplicativo. O resultado demonstrou que os aprendizes, na medida em que trocavam mensagens com seus colegas e com a professora, testavam hipóteses, percebiam lacunas em seu conhecimento e engajavam-se em análises metalinguísticas (SWAIN, 1985, 1995, 2005). Além disso, através da interação, perceberam que os aprendizes apoiavam uns aos outros e buscavam formas de expandir o conhecimento e manter-se no diálogo, seja através da pesquisa de palavras em dicionários, seja apoiando-se na primeira língua (L1).

A edição 47 da Matraca traz ainda uma entrevista com Mark Pegrum, que já teve um de seus livros comentados na resenha do volume 24 do número 21 da Matraca em 2017. Em sua entrevista, Pegrum fala sobre letramento digital no contexto de ensino e aprendizagem de línguas. Discute também o conceito de “nativos digitais”, o fenômeno das “*fake news*” e como educadores podem lidar com essa questão. O entrevistado não deixa de refletir sobre o conceito de letramento crítico e encerra ao defender o “letramento intercultural”.

Gostaríamos de agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta edição da Matraca, em especial a Mark Pegrum (University of Western Australia) que aceitou prontamente ser entrevistado e a Marina Augusto (UERJ), que nos apoiou em todas as fases do processo editorial. Finalizando esta apresentação, não podemos deixar de mencio-

nar a generosa contribuição dos pareceristas, especialistas brasileiros e estrangeiros, na avaliação dos artigos submetidos a esse volume da Matraga, dedicado ao tema “interações mediadas por tecnologia”.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Janaína da Silva Cardoso

Paul Gruba